

IDEOFONES NA LÍNGUA SÃOTOMENSE

Gabriel Antunes de Araujo
Universidade de São Paulo
g.antunes@usp.br

Abstract: In this paper, I discuss some aspects of ideophones in Sãotomense, a Portuguese-based Creole spoken in the Republic of São Tomé and Príncipe. Bartens' typology on ideophones is adequate to describe the ideophones of this language; however some adjustments to it are necessary. In order to do so, I present some data and also discuss how ideophones have been abandoned in favour of Portuguese-like structures.

Key-words: Sãotomense, ideophones.

Introdução

Neste texto, apresentarei uma discussão sobre os ideofones na língua sãotomense, um crioulo de base portuguesa, falado nas ilhas de São Tomé e Príncipe. O material de análise do sãotomense é baseado, principalmente, em dados de trabalho de campo original, em Ferraz (1979) e, marginalmente em Valkhoff (1966). Utilizarei, a título de comparação, dados sobre os outros crioulos de base portuguesa do Golfo da Guiné: principense (material próprio e Günther 1973), angolár (Maurer 1995), anobonês (Barrena 1957).

Em primeiro lugar, apresentarei algumas reflexões sobre os ideofones encontradas na literatura (Westermann 1907, Doke 1935, Bartens 2000 Voeltz 1971). Em seguida, apresentarei um *corpus* com dados sobre os ideofones no sãotomense e, ao mesmo tempo, estabelecerei critérios para separá-los de outros processos. Nesta seção, também confrontarei a minha análise com a de Ferraz (1979).

1. Ideofones

As definições para o termo *ideofone* na literatura são variadas e nenhuma consegue abranger a heterogeneidade do fenômeno. As tentativas mais bem sucedidas são aquelas que enquadram as muitas características destes

elementos em grupos prototípicos e, dessa forma, restringem os ideofones a grupos de línguas ou áreas linguísticas (Bartens 2000: 13). A definição clássica de Doke (1935: 118-9) considera o ideofone ‘uma representação vívida de uma ideia através do som. Uma palavra, comumente onomatopaica, que descreve um predicado, um qualificativo ou um advérbio em relação ao seu modo, cor, som, cheiro, ação, estado ou sua intensidade. (...) Deve-se apontar que geralmente, regras especiais de duração, tom e acento, aplicáveis a formas gramaticais ordinárias, diferem consideravelmente no caso dos ideofones’. Voeltz e Kilian-Hatz (2001: 2) lembram que Doke não apresenta uma definição formal para os ideofones, mas consideram fundamental o fato de Doke fazer uma distinção entre ideofones, onomatopéias e sons imitativos e também de propor uma classe de palavras especial para agrupar os ideofones. Bartens, baseada em vários *corpora* contendo ideofones, cria, por sua vez, uma tipologia inter-linguística, identificando três diferentes tipos de ideofones (2000: 19-20):

- 1) – Ideofones intensificadores ou partículas exclusivas. Correspondem ao grau advérbio nas línguas européias e frequentemente modificam um único, e em alguns raríssimos casos, dois ou três verbos ou adjetivos (ou elementos correspondentes a essas categorias nas línguas européias), comumente no sentido de intensificação positiva, i.é, ‘muito; completamente’. No entanto, é possível também uma atenuação do conteúdo semântico do item modificado e isto deve ser considerado uma sub-função da classe dos ideofones. Estes são os ideofones mais dificilmente associados a origens onomatopaicas.
 - Ideofones empregados em construções quotativas com ou sem um auxiliar. Este ideofones são frequentemente onomatopaicos, porém podem também expressar, por exemplo, a velocidade de um movimento.
 - Ideofones com um *significado* independente. Podem corresponder a substantivos, verbos, adjetivos ou a advérbios das línguas européias e podem ser elementos sintaticamente independentes. Num certo sentido, pode-se dizer que estes ideofones constituem uma ‘lata de lixo’ para todos os ideofones que não se ajustam às categorias 1 e 2.

No entanto, Bartens (2000: 14) menciona que os ideofones tipicamente apresentam sons e combinações de sons não encontradas no inventário fonológico da língua. Certamente, isso não diz respeito aos ideofones do sãotomense e será tratado adiante. Além disso, Bartens (2000: 21, nota 18) menciona, apenas marginalmente as fortes restrições sobre a ordem dos vocábulos na frase e sua disposição em relação aos outros termos. Este fator faz com que, em sãotomense, os ideofones sejam fortemente ligados ao seu ele-

mento modificador. Entretanto, apesar disso, a tipologia proposta por Bartens parece ser adequada para se descrever os dados do sĂotomense.

2. Ideofones no sĂotomense

Ferraz (1978¹, 1979:75-8) descreve os ideofones no sĂotomense, sem, contudo, oferecer uma definiĂ o clara para o termo. Isso faz com que sejam agrupados elementos de natureza diversa. Assim, para Ferraz, ideofone é o elemento de uma categoria que agrupa qualquer palavra cuja forma seja repetida ou reduplicada (cf. (2)a), ou modificadora de um verbo ou nome, como ((2)b). No entanto, os ideofones listados em (2) possuem características distintas de todos os outros ideofones do sĂotomense. Em primeiro lugar, a palavra sĂotomense *'leve'leve* ‘‘mais ou menos’’ seria o único ideofone que poderia ocorrer sem o elemento sint tico em uma *colocaĂ o*. E, neste sentido, o termo *colocaĂ o*   entendido como uma combinaĂ o frequente ou preferencial de palavras cujas unidades resultem em uma expressão semi-idiomática. ‘Meaning by collocation is an abstraction at the syntagmatic level and is not directly concerned with the conceptual or idea approach to the meaning of words’ (Firth 1957: 156).

- 2) a) **'leve'leve** ‘mais ou menos’ (resposta à pergunta: *Como vai você?*)
- b) **n  sa bi'fidu mankwe'te**
 1 PL COP vestir-PART IDEOFONE
 ‘Devemos estar bem vestidos’

Em segundo lugar, mostrarei adiante que os ideofones em sĂotomense, além de serem obrigatoriamente formas presas a seus elementos da colocaĂ o, possuem determinadas estruturas fonológicas, sendo a harmonia vocálica uma de suas mais marcantes características. Ademais, no meu trabalho de coleta de dados, os informantes regularmente apresentaram outro ideofone para designar a expressão ‘bem vestido’. Naturalmente,   possível que o dado coletado por Ferraz também possa ser um ideofone equivalente ao coletado por mim.

¹ Ferraz 1979 é uma versão mais completa de Ferraz 1978, por isso, será empregado neste trabalho.

- 3) a) **nõ sa bi'fidu fɛfɛ'fɛ**
 1 PL COP vestir-PART IDEOFONE
 'Devemos estar bem vestidos'

Sobre a origem dos ideofones em sãotomense, podemos recorrer, novamente, ao estudo de Bartens e verificar que, tanto nas línguas (de substrato) da África Atlântica como em outros crioulos da região, elementos análogos podem ser encontrados. Portanto, afirma Bartens (2000: 45), isto pode ser decorrente de um substrato comum, origens comuns ou de influências mútuas subsequentes. No entanto, nas várias línguas pesquisadas por Bartens, encontra-se um certo nível de correspondência somente nos crioulos de base portuguesa do Golfo da Guiné: angolar, principense e fá d'ambu, devido à sua origem comum e à sua ecologia linguística particular (com interinfluências múltiplas). Por outro lado, a tarefa de encontrar correspondentes diretos (que poderiam sugerir empréstimos lexicais ou code-switching nas primeiras gerações de falantes do sãotomense) em línguas bantas ou da África Atlântica é infrutífera. Através de trabalhos de reconstrução, poderíamos chegar a protoformas, por definição, hipotéticas. Os dados a seguir provêm de Bartens (2000), contudo, suas fontes são: para o sãotomense (CST), Ferraz (1978), para o principense (CP), Günther (1973), para o anobonense (CFA), Barrena (1957) e para o angolar (CA) Maurer (1995). Bartens (2000: 48) sugere um provável ideofone africo-ocidental *fenene* ou *faan*.

4) **branco + ideofone**

CST: 'blanku fɛnɛ'ne	(242) ²	'blāku fɛnɛ'ne
CP: bāku fɛnɛ'né	(79)	
CA: ziaru fenene/fěěě	(154)	
CFA: <i>bancu pepepepe</i>	(29)	

Paralelamente, gravei duas ocorrências diversas para a colocação com o ideofone de 'claro': 'klalu bjebje'bje e 'klalu fɛnɛ'ne, no entanto pelo menos em 10 informantes manifestaram preferência pelo primeiro.

Já no caso da colocação ideofônica para 'preto', os dados das línguas Edo/Bini fornecem alguma pista, pois as palavras para 'escuro (como o céu nublado)' são *dúdúdí* ou *nununu*. Portanto, uma alteração no ponto de articulação (de alveolar dental ou nasal para lateral) é plausível. No entanto, a

² Este número indica o número da página no trabalho citado.

sílaba final em *escuro*, que pode ser realizado em sĂotomense como [l'kulu] pode ser facilmente repetida e ter sido a fonte para o ideofone (cf. com o anobonense). Ou até mesmo a convergência de ambos os fatores. Nesse caso, estabelecer uma origem para o ideofone é altamente especulativa.

5) preto + ideofone

CST: 'pletu (lu)lu'lu	(243)	'pletu lulu'lu
CP: petu gbi	(79)	'petu lulu'lu
CA: peetu lu-lu-lu/lu-u-u	(154)	
CFA: <i>petu c�luc�luc�lu</i>	(29)	

Bartens não apresenta dados para o ideofone de 'vermelho', exceto no angolar que, segundo Maurer (1995:154), tem-se *b b  la-la-la* ou *la-a-a*. Para o sĂotomense, temos [vle'mebaba'ba]. Para o ideofone de 'azul' ou 'verde', novamente, temos somente o dado em angolar (Bartens 2000:51): *dhuluru fenene/f   *. Dado este muito semelhante ao ideofone da cor 'branca', tanto no angolar, como no sĂotomense, em (4). Em sĂotomense: azul ssimo **'zulu tata'ta**.

Ferraz considera os ideofones uma classe de palavras complementar   dos advérbios e menciona também que este tipo de palavra é comum nas línguas bantu e kwa, mas inexistente em português. A descrição é dividida em três partes: estrutura fonológica, sintaxe e significação. A seguir, apresentarei os principais pontos da descrição de Ferraz (1979) juntamente com meus comentários e observações e minha própria análise.

Doke (1935), assim como Bartens (2000), menciona que os ideofones tipicamente apresentam sons e combinações de sons não encontradas no inventário fonológico de uma dada língua. Ferraz (1979: 75) aponta que isso não se aplica em relação aos ideofones no sĂotomense, porém menciona uma *tensão* na articulação desses elementos: "The ST ideophone is affected mainly by the tenseness of articulation, in that both the ideophone and the word modified by the ideophone have tenser articulation than is normal". Apesar desta explicação impression stica, podemos supor que algo acontece na realização do ideofone. No entanto, em trabalho de campo, notamos que isso depende de fatores paralinguísticos, pois o falante pode produzir os ideofones também na fala com articulação padrão. Os casos em que há tensão na articulação não estão, necessariamente, condicionados pela presença do ideofone. Por outro lado, a tensão pode também estar relacionada à realização de traços tonais fossilizados. Como mostraremos adiante, muitas das línguas

da África Ocidental e outras do grupo bantu que contribuíram com elementos de substrato na formação do são-tomense eram tonais e comumente possuíam ideofones. Entretanto, o são-tomense não apresenta tons no nível fonológico, mas pode ter mantido alguma característica tonal nesta parte da gramática.

Em seguida, Ferraz aponta uma série de características silábicas nos ideofones. Em primeiro lugar, assim como em muitas línguas dos grupos Kwa e Bantu, não há ideofones iniciados por vogal no CST, portanto, todas as sílabas são iniciadas por consoante. Neste momento, Ferraz afirma que todas as sílabas, considerando os dados do *corpus* de Ferraz, são abertas ‘and have the shape CV. C is comprised either of one consonant or of C₁C₂, where C₁ is a nasal’ (Ferraz 1979:76).

- | | | |
|----|---------------------------------------|--|
| 6) | a) <i>ʼmɔgoʼmɔgo</i> | (ideofone de maciez) |
| | b) <i>ʼblanku fɛnɛʼne</i> | ‘branquíssimo’ |
| | c) <i>ngeʼnengeʼne</i> | (ideofone de brilho intenso) |
| | d) <i>ʼmwiniʼnwini</i> [ʼhwiniʼhwini] | (ideofone indicando pedaços diminutos) |

No entanto, se é fato que todas as sílabas dos ideofones são iniciadas por consoante, há muitos exemplos de sílabas CCV, iniciados por clusters consonantais, cf. (7a), nos quais o segundo elemento é [l], ou pela sequência CGV, onde G é um glide ([w] ou [j]), cf. (7b). Sílabas relevantes destacadas em itálico e separadas por ponto. Além disso, na sequência C₁C₂, C₁ não é, necessariamente, uma consoante nasal.

- | | | |
|----|---|--------------------------------------|
| 7) | a) <i>ʼseku kla.ká.ta</i> | ‘sequíssimo/ressecado’ |
| | <i>ʼbetu bla.la.la</i> | ‘abertíssimo/escancarado’ |
| | b) <i>ʼluži mie.ʼge.mie.ʼge</i> | ‘luz brilhantíssima/muito brilhante’ |
| | <i>ʼvlidu n^wi.ni.n^wi.ni</i> | ‘vidro despedaçado’ |

No meio da palavra, a sílaba mínima deve ser CV. Em alguns casos, a posição da consoante é ocupada por uma consoante oclusiva glotal epentética, gerada com o intuito de se evitar que a sílaba seja composta apenas pelo núcleo.

- | | | |
|----|--------------------------|------------------|
| 8) | <i>muʼlatu fá.ʔáʼ.ʔá</i> | ‘muito mulato’ |
| | <i>mĩdzadu tí.ĩ.ĩ</i> | ‘pessoa absorta’ |

Ferraz agrupa os ideofones do CST em seis grupos, a partir da repetição da vogal na sílaba inicial ou final, considerando-se que as vogais são sempre repetidas. Cabem aqui duas discussões: uma em relação ao emprego do termo ‘vogal repetida’, em detrimento de ‘reduplicada’, e outra sobre a qualidade das vogais nos ideofones.

Uma vogal pode ser repetida em uma palavra em três situaoes: por acaso, onomatopaicamente ou via harmonia vocálica. Na primeira situação, a repetição da vogal pode ser caracterizada pela combinação de restrioes na língua s otomense ou pela adaptação para o s otomense via nativizaão de empréstimo ou *code-switching*, a partir da combinação vocálica de outra língua. No segundo caso, a repetição se dá pela valorização de um traço ic nico. No terceiro caso, restrioes (fonológicas, prosódicas e/ou morfológicas) se aplicam (de forma opcional ou obrigatória) a uma determinada unidade fonológica engatilhadas por uma característica estrutural da língua.   necessário, contudo, estabelecer a unidade engatilhadora e o alvo do processo de harmonia. No entanto, como mostrarei adiante, pode-se apresentar, por um lado, evidências de que os ideofones do s otomense provêem, direta ou indiretamente, das línguas do substrato. Dessa forma, os ideofones foram nativizados como um todo e sua estrutura interna não   criação do s otomense, muito embora a repetição de vogais nas línguas de origem podem ser resultantes de harmonia vocálica ou reduplicação. Por outro lado, há ideofones que foram criados a partir de expressões do português, como por exemplo *tal e tal*, em s otomense [ta'li'ta'li], e não apresentam, necessariamente, repetição de vogais.

- 9) 'bolo sa 'jimpli ta'lita'li
 bolo COP simples IDEOFONE
 ‘O bolo está insosso’.

Já a reduplicação é um processo morfológico (Araujo 2002). Os processos de reduplicação podem ser parciais (quando parte da palavra   reduplicada) ou totais (quando toda a palavra   reduplicada). Para Marantz (1982:456), a reduplicação total ocorre quando o morfema reduplicativo toma todos os elementos emprestados   raiz, incluindo a estrutura silábica e melódica. Além disso, a reduplicação funciona como um conteúdo morfológico. Nas línguas indonésio (Marantz 1982) e diyari (McCarthy e Prince 1995, Austin 1981), por exemplo, a reduplicação marca o morfema de plural. Na primeira língua a reduplicação   total, enquanto na segunda, ela é parcial (copia o p  inicial, menos a coda da segunda sílaba. Na língua mwera (Bybee et al. 1994, *apud* Kager 1999), radicais monossil bicos são triplicados e radicais polissil bicos são duplicados, a fim de indicar iteratividade. A iteração sinaliza, portanto, que uma ação é continuamente repetitiva. Esse é um tipo comum de reduplicação nas línguas do mundo. Os dois primeiros exemplos

são interpretados como um único evento, enquanto os dois últimos são menos claros sem o contexto geral, embora também se refiram à repetição.

Do ponto de vista fonológico, o elemento reduplicante não possui especificação segmental, pois esta é copiada da palavra-base (Wilbur 1974). Se o elemento reduplicante fosse especificado, todas as palavras reduplicadas deveriam conter um elemento fixo imutável. Portanto, a reduplicação envolve identidade fonológica entre a base e a forma reduplicada. Dessa forma, pelo fato de não haver no sãotomense a palavra base que gera, via processo fonológico, a forma reduplicada, não se pode considerar os ideofones como parte de um processo de reduplicação⁵. Por outro lado, há formas nominais com sílabas repetidas, porém morfologicamente opacas:

- 10) **'penu'penu** 'pálpebra' (Ferraz 1979:96)
ɲõ'ɲõ 'búzio' (caracol) (Ferraz 1979:94)
ndza'ndza 'rapidamente' (Ferraz 1979:93)

No que diz respeito à forma do ideofone, Ferraz (1979:76, adaptado) identifica três templates silábicos: ideofones de duas, de três e de quatro sílabas, com variadas combinações de vogais e consoantes idênticas. No entanto, não consegui registrar ideofones de duas sílabas, classificados como 'agramaticais' pelos informantes. Todos os ideofones de duas sílabas mencionados por Ferraz (1979:76-7) ocorrem nos meus dados como ideofones de três sílabas, embora em ambos os casos, as sílabas se repitam:

- 11) Ferraz: **e tle'me ta'ta**
 'He trembled a lot'
- Araujo: **e tle'me tata'ta *e tle'me ta'ta**
 3SG tremer-PASS IDEOFONE
 'Ele tiritou de febre.'
- Ferraz: **'awa 'blaga lɔ'lɔ**
 'The water burst out completely'
- Araujo: **'awa 'blaga lɔ'lɔ *'awa 'blaga lɔ'lɔ**
 água vazar-PASS IDEOFONE
 'A água vazou por completo.'

⁵ Couto (2000) apresenta uma discussão sobre os processos de reduplicação no guineense.

Por outro lado, ideofones com trêš sílabas idênticas também são atestados por Ferraz (1979:77):

- 12) **ka'fê sa 'kũtʃi zuzu'zu**
 'The coffee is very hot'

e fla sasa'sa
 'He spoke fluently'

Os ideofones com quatro sílabas possuem a forma C_1VC_2V repetida, ou seja, a primeira consoante é invariavelmente diferente da consoante da segunda sílaba. O acento pode cair tanto na primeira como na segunda sílaba. Em (13), por exemplo, Ferraz menciona que o acento recai na penúltima sílaba, enquanto que nos meus dados, o acento é final. Os meus informantes afirmaram que o acento deve ser final, no entanto, em (14), a posição do acento é pré-final, o que indica a inexistência de um padrão único.

- 13) Ferraz: **bo ka 'moŋa pɔtɔ'pɔtɔ**
 'You will get drenched'

Araujo: **nō ka 'moŋa pɔ'tɔpɔ'tɔ**
 1 PL HAB molhar IDEOFONE
 'Nós ficaremos encharcados'

De forma interessante, o ideofone de quatro sílabas **ta'lita'li**, aparentemente derivado da expressão portuguesa 'tal e tal', pode ter vogais não-harmônicas e também ocorrer na forma trissilábica **tata'li**, com elisão da segunda sílaba da primeira parte do ideofone.

- 14) **'bolo sa 'ʃimpli ta'lita'li**
'bolo sa 'ʃimpli tata'li
 bolo COP simples IDEOFONE
 'O bolo está insosso'

'minu sa ?u'nu ta'lita'li
'minu sa ?u'nu tata'li
 menino COP nu IDEOFONE
 'O menino está completamente nu'

Os ideofones mais recorrentes em sãotomense são aqueles formados por três sílabas, divididos em quatro sub-grupos (15). Nesse caso, incluo exemplos, citados por Ferraz, de ideofones formados por palavras com todas as três sílabas diferentes, como em **mankwe'te**, discutido anteriormente, cf. (2). Apesar de não ter conseguido gravar este dado, o ideofone em **'seku klaka'ta** 'ressecado' foi gravado e reconfirmado pelos informantes. Quanto à posição do acento, todos os ideofones com três sílabas possuem acento final.

- 15) a) $\sigma_x \sigma_x \sigma_x$: todas as sílabas iguais, com acento final
'pletu lulu'lu 'pretíssimo'
le'de zaza'za 'picante'
- b) $\sigma_x \sigma_y \sigma_y$: duas sílabas finais idênticas, com acento final
'klalu fene'ne 'claríssimo'
mu'latu fã'ã'ã 'mulatíssimo'
- c) $\sigma_y \sigma_y \sigma_x$: duas sílabas iniciais idênticas, com acento final
'folo gigi'tji 'genuinamente forro (grupo étnico)'
?u'nu tata'li 'completamente nu'
- d) $\sigma_x \sigma_y \sigma_z$: todas as sílabas diferentes (Ferraz 1979:76)
'seku klaka'ta 'completely dry'
ke klõgõ'dõ 'to collapse completely'

O ideofone em sãotomense deve ser listado no léxico associado ao seu elemento modificado, ou seja, uma vez que o ideofone é motivado, imprevisível, opaco morfológicamente, é parte de uma combinação sintática cristalizada, ele deve ser, necessariamente, associado ao elemento da colocação. Ademais, palavras não podem ser inseridas entre o ideofone e as palavras por eles qualificadas (Ferraz 1979:77), corroborando a hipótese segundo a qual os ideofones são elementos de colocações. E, como tal, o falante deve aprender esta combinação de palavras, pois ela não pode ser derivada por regras, portanto, novos ideofones, com as características citadas neste trabalho, não são criados. Ao contrário, a situação de diglossia (com o português sãotomense e com o português europeu) tem levado a uma substituição das expressões com ideofones por outras com o emprego de termos sãotomenses de origem portuguesa, sobretudo o quantificador **'mũtu** 'muito' e a expressão **di ve'de** 'de verdade':

- 16) 'betu blala'la 'abertíssimo' (em desuso)
 'betu 'mũtu 'abertíssimo/muito aberto'
 'betu di ve'de 'abertíssimo/aberto de verdade'

Quando for substituível por um advérbio, o ideofone, segundo Ferraz (1979:77), tende a apresentar uma forma fonológica e ser articulado de maneira mais tensa. Esta articulação especial foi verificada nos dados por mim coletados, mas ainda precisa ser mais bem compreendida. No nível sintático, Ferraz prossegue e menciona que os ideofones servem como fechamento para as orações, embora este traço não seja encontrado nos advérbios de uma maneira geral. Segundo Ferraz (1979:77-8), os ideofones podem modificar substantivos, adjetivos, verbos ou até mesmo uma sentença complexa.

- 17) a) Modificar um substantivo:
nõ 'mese [[nge] sasa'sa]]
 'We want a sprightly person'
- b) Modificar um adjetivo:
[[kětʃi] zuzu'zu]]
 'very hot'
- c) Modificar um verbo:
'kɔpu [[ke'bla] nwininwini]]
 'The glass broke into little pieces'
- d) Modificar uma sentença complexa:
[i'ně ku'me 'tudu ku mē d-e 'fika pe ke] 'lɔlɔ
 'They ate all the food that his mother left at home'

Em relação ao exemplo (17)d, dois informantes não entenderam a sentença apresentada como exemplo por Ferraz e não conseguiram reproduzi-la. Quando perguntados, os mesmos informantes não conseguiram relacionar a palavra 'lɔlɔ a nenhum elemento na sentença.

Ferraz afirma que os ideofones 'leve'leve e gege'ge podem ocorrer de forma isolada, sobretudo em resposta à pergunta 'Como vai você?'. Neste sentido, caso seja possível classificá-los como ideofones, estes elementos são ligados ao modificado por uma relação anafórica. Portanto, estes ideofones não ocorreriam totalmente isolados.

Por fim, Ferraz (1979:78) afirma que os ideofones em sãotomense podem ser definidos segundo duas abordagens: uma de Lanham 1955 e, outra, de Samarin 1966. A primeira descreve o ideofone como ‘intensifying, clarifying or specializing certain of the basic concepts of the language’. A segunda, os descreve como ‘vivid vocal images or representations of visual, auditory, and other sensory or mental experiences’. No entanto, ambas as definições, não esgotam as possibilidades estruturais e combinatórias dos ideofones. Nesse sentido, a definição de Bartens (2000: 19-20), repetida em (18), parece ser a mais abrangente, embora necessite de ajustes:

- 18) Ideofones intensificadores ou partículas exclusivas. Correspondem ao grau advérbio nas línguas européias e frequentemente modificam um único, e em alguns raríssimos casos, dois ou três verbos ou adjetivos (ou elementos correspondentes a essas categorias nas línguas européias), comumente no sentido de intensificação positiva, i.é, ‘muito; completamente’. No entanto, é possível também uma atenuação do conteúdo semântico do item modificado e isto deve ser considerado uma sub-função da classe dos ideofones. Estes são os ideofones mais dificilmente associados a origens onomatopaicas.

Contudo, é necessário fazer alguns ajustes na definição, pois restringir o escopo do ideofone aos verbos e adjetivos excluirá os substantivos, fato este comum no sãotomense. Dessa forma, poderíamos reescrever a definição, substituindo ‘adjetivos’ por ‘nomes’ e excluindo a comparação com as línguas européias porque desnecessária. Além disso, é necessário mencionar a origem não-onomatopaica e sua gênese.

- 19) Ideofones intensificadores ou partículas exclusivas: modificam uma única, e em alguns raríssimos casos, duas ou três palavras verbais ou nominais, ou até mesmo sintagmas complexos, comumente no sentido de intensificação positiva, i.é, ‘muito; completamente’. No entanto, é possível também haver uma atenuação do conteúdo semântico do item modificado e isto deve ser considerado uma sub-função da classe dos ideofones. Embora haja repetição de vogais e/ou consoantes, os ideofones em sãotomense não são, necessariamente, onomatopaicos, pois podem ter sido incorporados via adaptação fonológica, ressignificação de sintagmas complexos, empréstimo ou *code-switching*, formando estruturas idiomáticas.

3. Considerações finais

Este breve estudo destacou algumas das características linguísticas dos ideofones na língua sĂotomense e propôs uma complementação da tipologia de Bartens (2000). Ao mesmo tempo, foi sugerido que muitos ideofones estĂo entrando em desuso no crioulo sĂotomense, sendo substituídos por construções analíticas do tipo *palavra + muito* ou *palavra + de verdade*. Por isso, um dos objetivos futuros é coletar mais dados com exemplos dos ideofones sĂotomenses.

Anexo

Lista de alguns ideofones e suas colocações. O material foi coletado pelo autor.

'fina l�'k�l�'k�	�timo/excelente
'liku s�'n�s�'n�	podre de rico/riqu�ssimo
'fili p�'t�p�'t�	bem verde (n�o maduro)
v� k�'t�k�'t�	velh�ssimo
m�'nadu p�'t�p�'t�	muito molhado
dana'du k�'t�k�'t�	estragad�ssimo
'suzu k�'t�k�'t�	suj�ssimo
'moli m�'g�m�'g�	mole demais/cremoso
tle'me gi'digi'di	tiritar de frio
kebladu z�'geze'ge	despedaado (mas ainda preso)
ke'bladu u'ni u'ni	despedaado (em milhares de pedaços)
'pobli z�'geze'ge	paup�rrimo
u'nu ta'lita'li	completamente nu
'flesku f�'f�'f�	muito fresco
'flesku tata'ta	muito fresco
tle'me tata'ta	tirintar de frio
'vivu tata'ta	viv�ssimo
'zulu tata'ta	azul�ssimo
'fina l�l�'l�	�timo/muito fino
le'de zaza'za	picante
'fio koko'ko	fri�ssimo
'pletu lulu'lu	pret�ssimo
'sadu l�l�'l�	muito cheio

vl'e'me baba'ba	vermelhíssimo
'sadu dudu'du	muito cheio
'ketʃi zuzu'zu	quentíssimo
du'entʃi kwenkwen'kwen	muito doente
bi'fidu fɛfɛ'fɛ	bem vestido (garboso)
'klalu bi'ɛbi'ɛ	(lua) brilhante
'fudu tʃɛtʃɛ'tʃɛ	asseadíssimo
fi'lidu ɲãɲã'ɲã	muitomachucado
'fede tuntun'tun	hircoso (fétido)
'lizu kankan'kan	muito liso
'tedu kankan'kan	agarradíssimo
'sela tenten'ten	(de) cheiro muito agradável
'blanku fene'ne	branquíssimo
'klalu fene'ne	claríssimo
mu'latu fãʔã'ʔã	muito mulato
'betu blala'la	abertíssimo
'folu gigitʃi	genuinamente forro
u'nu tata'li	completamente nu
le'didu ŋgen'ŋ	genmuito acesso
'seku klaka'ta	bem seco
mun'diadu tininʔin	pensar duas vezes/de forma arrazoada
xxx me'neme'ne	agradabilíssimo, onde xxx pode ser o tempo, uma comida, etc.

Referências

- Araujo, Gabriel Antunes. 2002. Truncamento e reduplicação no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem* 10(1): 61-90.
- Austin, Peter. 1981. *A Grammar of Diyari, South Australia*. Cambridge: CUP.
- Barrena, Rvdo. P. Natalio. 1957. *Gramatica Annobonesa*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Cientificas.
- Bartens, Angela. 2000. *Ideophones and Sound Symbolism in Atlantic Creoles*. Kelsinki: Academia Scientiarum Fennica.
- Couto, Hildo Honório do. 2000. "A Reduplicação nos Crioulos Portugueses". In: d'Andrade, Ernesto, Maria A. Mota e Dulce Pereira (orgs.) 2000. *Crioulos de base lexical portuguesa*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, p.61-80.

- Doke, C. M. 1935. *Bantu Linguistic Terminology*. London: Longmans/Grenn.
- Ferraz, Luiz Ivens. 1978. The Creole of São Tomé. *African Studies* 37(1): 3-66.
- Ferraz, Luiz. 1979. *The Creole of São Tomé*. Johannesburg: Witwatersrand University Press.
- Günther, Wilfried. 1973. *Das portugiesische Kreolisch der Ilha do Príncipe*. Marburg an der Lahn: Im Selbstverlag.
- Kager, Rene. 1999. *Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Marantz, Alec. 1982. Re reduplication. *Linguistic Inquiry* 13(3), 435-482.
- Maurer, Philippe. 1995. *L'angolar: Um créole afro-portugais parlé à São Tomé*. Hamburgo: Helmut Buske Verlag.
- McCarthy, John, e Alan Prince. 1994. Prosodic Morphology. In Goldsmith, John. 1995. *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell.
- Valkhoff, Marius F. 1966. *Studies in Portuguese and Creole*. Johannesburg: Witwatersrand University Press.
- Voeltz, Erhard. 1971. Toward the syntax of ideophone: Zulu. In: Kim, Chin-Wu & Stakke, Herbert (eds.). *Papers in African Linguistics*. Edmonton: Champaign.
- Westermann, Diedrich. 1907. *Grammatik der Ewe Sprache*. Berlin: D. Reimer.
- Wilbur, Ronnie. 1974. *The Phonology of Reduplication*. Tese de Doutorado. University of Illinois. Distribuída por Indiana University Linguistic Club: Bloomington.